

Aula 2 – Teorias Clássicas das Relações Internacionais

Desvendando o Cenário Global: As Lentes das Teorias Clássicas

Você já se perguntou por que alguns países parecem estar sempre em conflito, enquanto outros constroem pontes de cooperação? Ou por que, mesmo com tantas organizações internacionais, a paz ainda parece um ideal distante em certas regiões? O mundo das Relações Internacionais é complexo, dinâmico e, muitas vezes, desafiador de compreender. Mas não se preocupe: assim como um detetive usa diferentes lupas para analisar uma cena de crime, nós, analistas, usamos teorias para decifrar a intrincada teia das interações globais.

Nesta aula, embarcaremos em uma jornada fascinante para explorar as **Teorias Clássicas das Relações Internacionais**. Elas são como os pilares de um edifício, fornecendo a base para entender não apenas os eventos históricos, mas também os conflitos híbridos de hoje, as disputas por recursos naturais e o impacto avassalador da tecnologia na geopolítica. Ao final desta aula, você será capaz de identificar as premissas centrais do Realismo, Liberalismo e Construtivismo Social, e o mais importante, aplicá-las para interpretar os desafios contemporâneos.

Dominar essas teorias não é apenas um requisito acadêmico ou para concursos públicos; é uma habilidade essencial para qualquer cidadão que deseja compreender o noticiário, tomar decisões informadas e até mesmo antecipar tendências. Pense nisso como adquirir um "superpoder" de análise, permitindo que você veja além da superfície dos acontecimentos. Nosso percurso começará com a visão mais cética sobre o poder, passará pela esperança da cooperação e culminará na influência das ideias e identidades. Prepare-se para expandir sua visão de mundo!

O Mundo Como Um Jogo de Xadrez: A Visão Realista

Imagine um bairro onde não existe polícia, nem leis formalmente aplicadas, e cada morador precisa garantir sua própria segurança. Seus vizinhos são poderosos, e a confiança é um artigo raro. Como você agiria?

Provavelmente, você investiria em um bom sistema de segurança para sua casa, talvez até se armaria, e estaria sempre atento aos movimentos dos outros, buscando garantir que ninguém se tornasse uma ameaça. Essa é, em essência, a visão do **Realismo** sobre as Relações Internacionais.

O Realismo é uma das mais antigas e influentes teorias, surgindo de uma tradição de pensamento que remonta a Tucídides, Maquiavel e Hobbes. Para os realistas, o sistema internacional é fundamentalmente **anárquico**, o que significa que não há uma autoridade central acima dos Estados capaz de impor a ordem ou garantir a segurança. Nesse cenário, os Estados são os principais atores e agem motivados por seu **interesse nacional**, que é definido, acima de tudo, pela busca por **poder** e **segurança**.

Premissas do Realismo

- Sistema internacional anárquico
- Estados como atores principais
- Busca por poder e segurança
- Autoajuda como princípio de sobrevivência

Pensadores Realistas

- Tucídides
- Nicolau Maquiavel
- Thomas Hobbes
- Hans Morgenthau

A busca por poder não é necessariamente uma ambição por dominação, mas uma necessidade de sobrevivência. Em um mundo onde a guerra é sempre uma possibilidade, cada Estado precisa ser capaz de se defender. Isso leva a uma lógica de "autoajuda", onde cada um por si. É por isso que vemos países investindo pesadamente em defesa, desenvolvendo armas ou formando alianças, não por maldade intrínseca, mas por uma percepção racional de sua própria vulnerabilidade.

A Lógica da Sobrevivência: Poder e Anarquia

A anarquia, para os realistas, não significa caos total, mas a ausência de um governo mundial. É essa ausência que molda o comportamento dos Estados. Eles estão constantemente avaliando as capacidades uns dos outros, buscando manter ou aumentar seu poder relativo para garantir sua sobrevivência. Isso pode levar a dilemas de segurança, onde as ações de um Estado para aumentar sua própria segurança são percebidas como ameaças por outros, levando a uma espiral de armamentos e desconfiança.

Pense na corrida armamentista da Guerra Fria entre os Estados Unidos e a União Soviética. Ambos os lados acumulavam arsenais nucleares não porque desejassem a guerra, mas porque acreditavam que a posse de tais armas era a única garantia de que o outro lado não os atacaria. Essa lógica de dissuasão é um exemplo clássico do pensamento realista em ação, onde a segurança é alcançada através da capacidade de infligir dano.



i Dilema de Segurança

Situação em que as ações de um Estado para aumentar sua segurança (como adquirir armas) são percebidas como ameaças por outros Estados, levando-os a também aumentar suas capacidades militares, criando um ciclo de insegurança crescente.

No contexto atual, o Realismo nos ajuda a entender por que a competição entre grandes potências, como EUA e China, por influência econômica e militar no Indo-Pacífico, ou a invasão da Ucrânia pela Rússia, são vistas como manifestações da busca por poder e segurança em um sistema anárquico. As **guerras híbridas**, que mesclam táticas convencionais, irregulares e ciberguerra, podem ser interpretadas como novas formas de projeção de poder e desestabilização, onde os Estados buscam vantagens sem necessariamente declarar guerra aberta.

Neorrealismo: A Estrutura Acima dos Atores

Se o Realismo Clássico foca na natureza humana e na busca inata por poder, o **Neorrealismo**, ou Realismo Estrutural, desenvolvido por Kenneth Waltz, muda o foco para a **estrutura do sistema internacional**. Para Waltz, não importa tanto a natureza dos líderes ou o regime político de um Estado; o que realmente molda seu comportamento é a anarquia e a distribuição de poder entre as grandes potências.

"A política internacional é a arena da força, da luta e da acomodação... Não é o resultado da maldade humana ou de uma falha comportamental, mas da condição anárquica em que os Estados existem."

— Kenneth Waltz

Imagine que você está jogando uma partida de futebol. As regras do jogo (a anarquia, a ausência de um árbitro central que possa punir tudo) e o número de jogadores em cada time (a distribuição de poder) são os fatores mais importantes que determinam como o jogo se desenrola. Não importa se um jogador é mais gentil ou mais agressivo; ele ainda precisa seguir a lógica do jogo para vencer ou não perder. Da mesma forma, os Estados são forçados a se comportar de certas maneiras pela própria estrutura do sistema.



Estrutura Anárquica

Ausência de autoridade central acima dos Estados



Distribuição de Poder

Como o poder está dividido entre as grandes potências



Comportamento Estatal

Estados como atores unitários e racionais buscando segurança

O Neorrealismo argumenta que os Estados são atores unitários e racionais que buscam maximizar sua segurança. Eles se preocupam com o poder relativo, ou seja, o quanto de poder eles têm em comparação com outros Estados. Isso leva à formação de **equilíbrios de poder**, onde os Estados se alinham para evitar que um único ator se torne hegemônico e ameace a segurança de todos. A **geopolítica de recursos naturais**, por exemplo, pode ser vista sob uma lente neorrealista como uma disputa por elementos críticos (água, minerais raros, energia) que conferem poder e autonomia a um Estado, tornando-o menos vulnerável a pressões externas.

A Lógica da Dissuasão e o Dilema da Segurança

A lógica neorrealista explica por que, mesmo em um mundo globalizado, a competição estratégica persiste. A **dissuasão nuclear** é um exemplo perfeito: a ameaça de retaliação massiva impede um ataque, não por confiança mútua, mas pelo medo das consequências. É um equilíbrio precário, mas que, para os neorrealistas, é a forma mais estável de paz em um sistema anárquico.

Dissuasão Nuclear

A posse de armas nucleares cria um equilíbrio baseado no medo mútuo de destruição, tornando a guerra direta entre potências nucleares improvável.

Dilema da Segurança

Quanto mais um Estado se arma para se proteger, mais ameaçador parece aos outros, levando a uma espiral de insegurança e armamento.

Equilíbrio de Poder

Estados formam alianças para contrabalançar o poder de potenciais hegemônicos, criando um sistema de pesos e contrapesos.

A ascensão de novas tecnologias, como a inteligência artificial (IA) e os drones, também se encaixa na perspectiva neorrealista. Essas tecnologias não são vistas como ferramentas para a cooperação, mas como novos instrumentos de poder que podem desequilibrar a balança. Um Estado que domina a IA militar ou a ciber guerra pode obter uma vantagem estratégica significativa, forçando outros Estados a correrem para desenvolver suas próprias capacidades para não ficarem para trás, perpetuando o dilema da segurança.



Em resumo, tanto o Realismo Clássico quanto o Neorrealismo nos oferecem uma visão sóbria e, por vezes, pessimista do mundo, onde a competição e a busca por poder são inerentes. Eles nos alertam para a persistência do conflito e a importância da capacidade militar e econômica na arena internacional.

Realismo vs. Neorrealismo: Uma Comparação Essencial

Embora compartilhem a premissa da anarquia e da centralidade do Estado, Realismo e Neorrealismo divergem em suas explicações sobre a origem do comportamento estatal. Compreender essa distinção é crucial para uma análise aprofundada. O Realismo Clássico tende a focar na natureza humana e na busca inata por poder, enquanto o Neorrealismo enfatiza a estrutura do sistema internacional como o principal motor do comportamento dos Estados.

Para ilustrar, imagine que você está observando um grupo de lobos. Um realista clássico diria que eles lutam por território e recursos porque é da natureza deles serem agressivos e dominantes. Um neorrealista, por outro lado, diria que eles lutam porque vivem em um ambiente onde os recursos são escassos e não há uma autoridade superior para mediar disputas, forçando-os a competir para sobreviver, independentemente de sua "natureza".

Conceito	Realismo Clássico	Neorrealismo (Estrutural)
Base/Origem	Natureza humana (busca por poder, egoísmo)	Estrutura anárquica do sistema internacional
Foco Principal	Poder como fim e meio; moralidade e estadismo	Segurança como objetivo primário; distribuição de poder
Comportamento	Ações de líderes e Estados individuais	Resposta à pressão sistêmica (dilema de segurança)
Exemplo	Maquiavel, Morgenthau; Guerra Fria (corrida armamentista)	Kenneth Waltz; Equilíbrio de poder, dissuasão nuclear

Essa visão, embora poderosa, não é a única. Será que a cooperação é realmente uma miragem? E o que dizer das instituições internacionais que parecem mediar tantos conflitos? Isso nos leva à próxima grande teoria: o [Liberalismo](#).

A Promessa da Cooperação: A Visão Liberal

Se a visão realista do mundo parece um tanto sombria, o **Liberalismo** oferece um contraponto mais otimista. Enquanto os realistas veem o sistema internacional como um campo de batalha, os liberais enxergam um espaço para a cooperação, o progresso e a paz. Para eles, a anarquia não é o fim da história; é um desafio que pode ser superado através da razão, da moralidade e da construção de instituições.



Cooperação

Estados podem colaborar para resolver problemas comuns e criar benefícios mútuos



Instituições

Organizações internacionais facilitam a cooperação e reduzem incertezas



Interdependência

Conexões econômicas e sociais tornam a guerra mais custosa e menos atraente

Imagine um grupo de vizinhos que, em vez de se armarem uns contra os outros, decidem criar uma associação de moradores, estabelecer regras para o convívio, organizar serviços comunitários e até mesmo montar um pequeno negócio juntos. Eles percebem que, ao cooperar, todos se beneficiam mais do que se agissem isoladamente. Essa é a essência do pensamento liberal nas Relações Internacionais.

Os liberais acreditam que a **interdependência** entre os Estados – seja econômica, social ou cultural – torna a guerra menos atraente e a cooperação mais vantajosa. Quando países dependem uns dos outros para comércio, tecnologia ou segurança, o custo de um conflito aumenta exponencialmente. Além disso, a proliferação de **instituições internacionais** (como a ONU, a União Europeia, a OMC) é vista como um mecanismo crucial para facilitar a cooperação, reduzir incertezas e promover a resolução pacífica de disputas.

Instituições, Interdependência e a Paz Democrática

Para os liberais, a **democracia** também desempenha um papel fundamental na promoção da paz. A teoria da "Paz Democrática" sugere que democracias raramente, ou nunca, entram em guerra umas com as outras. Isso ocorre porque os líderes democráticos são responsáveis perante seus cidadãos, que geralmente arcam com os custos da guerra, e porque as democracias compartilham valores e normas que facilitam a resolução pacífica de conflitos.

Teoria da Paz Democrática

- Democracias raramente entram em guerra entre si
- Líderes democráticos respondem aos cidadãos
- Valores compartilhados facilitam resolução pacífica
- Transparência reduz desconfiança e mal-entendidos



A ascensão da **tecnologia** é vista pelos liberais como um fator que pode tanto impulsionar quanto desafiar a cooperação. Por um lado, a internet, as redes sociais e as plataformas de comunicação global aumentam a interconexão e facilitam a formação de redes transnacionais de ativistas, ONGs e empresas, promovendo o diálogo e a colaboração. Por outro lado, a desinformação e os ataques cibernéticos representam novos desafios que exigem cooperação internacional para serem combatidos.

União Europeia

Um exemplo prático do Liberalismo em ação é a União Europeia. Nascida das cinzas da Segunda Guerra Mundial, a UE é um projeto ambicioso de integração econômica e política que transformou antigos rivais em parceiros interdependentes, tornando um conflito militar entre seus membros praticamente impensável.

Atores Não Estatais

A atuação de **atores não estatais**, como grandes corporações transnacionais ou ONGs humanitárias, também é um ponto central para os liberais, pois eles veem esses atores como facilitadores da cooperação e promotores de valores globais.

Neoliberalismo Institucional: Cooperação Racional

Assim como o Realismo evoluiu para o Neorealismo, o Liberalismo também viu o surgimento de uma vertente mais focada na racionalidade e nas instituições: o **Neoliberalismo Institucional**. Essa abordagem, desenvolvida por pensadores como Robert Keohane e Joseph Nye, busca explicar por que os Estados cooperam mesmo em um ambiente anárquico, sem necessariamente apelar para a natureza humana ou a moralidade.

"Os Estados cooperam não porque são altruístas ou porque confiam uns nos outros, mas porque percebem que a cooperação é a melhor maneira de alcançar seus próprios interesses."

— Robert Keohane

Imagine que você e um colega de trabalho precisam colaborar em um projeto complexo. Vocês podem não ser os melhores amigos, mas sabem que, se trabalharem juntos de forma eficiente, ambos serão recompensados. Para garantir que a colaboração funcione, vocês estabelecem regras claras, prazos e mecanismos de comunicação. O Neoliberalismo Institucional argumenta que os Estados agem de forma semelhante: eles cooperam por **autointeresse racional**, percebendo que a cooperação pode trazer ganhos absolutos para todos os envolvidos.



Instituições Internacionais

Reduzem os "custos de transação" (o esforço e o risco de negociar acordos)



Transparência

Fornecem informações sobre o comportamento dos outros Estados



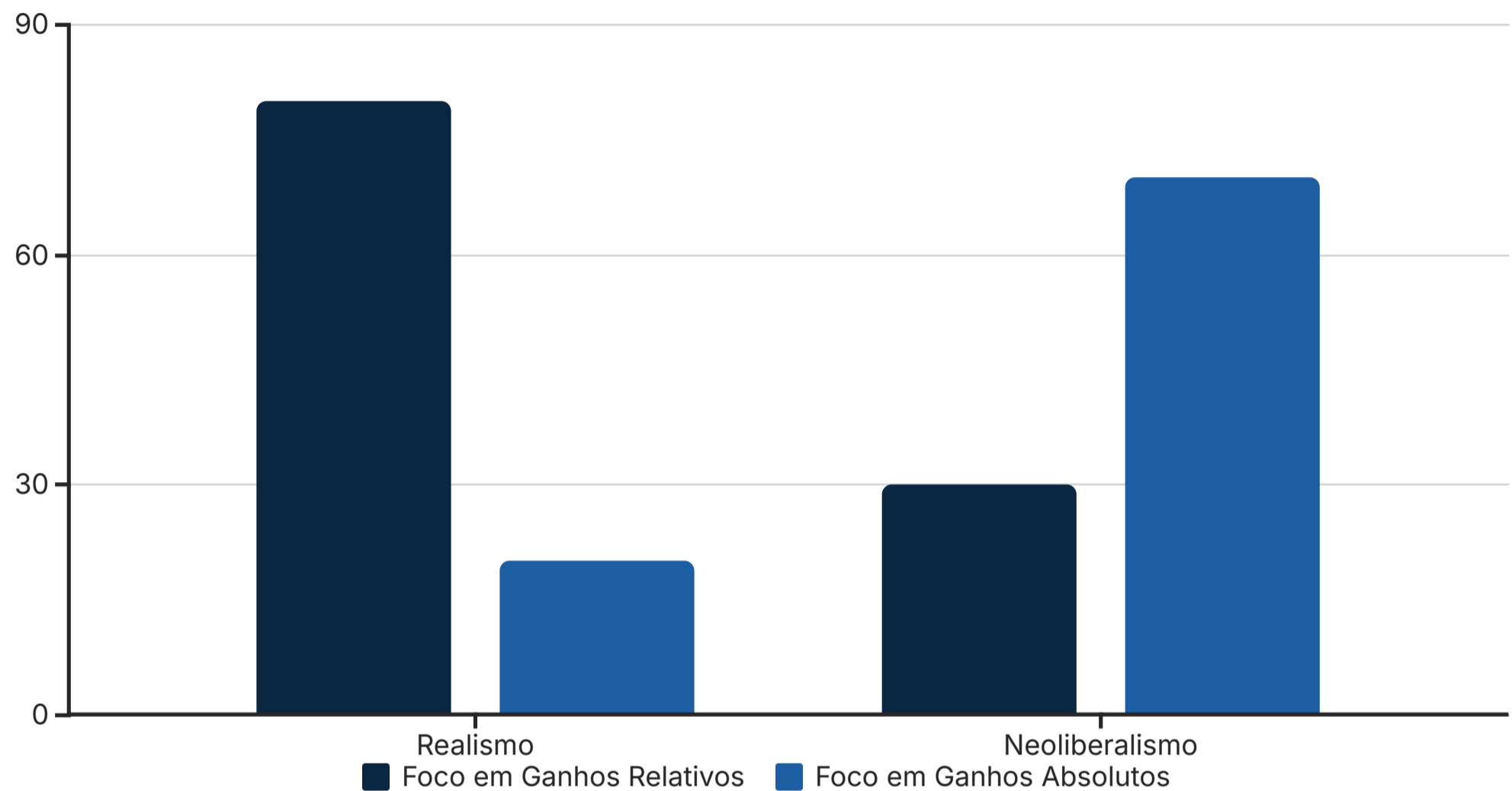
Monitoramento

Criam mecanismos para monitorar e fazer cumprir os acordos

As **instituições internacionais** são vistas como cruciais nesse processo. Elas não eliminam a anarquia, mas a mitigam, fornecendo um arcabouço para a cooperação. Como? Elas reduzem os "custos de transação" (o esforço e o risco de negociar acordos), aumentam a transparência (fornecendo informações sobre o comportamento dos outros Estados) e criam mecanismos para monitorar e fazer cumprir os acordos, tornando a trapaça menos provável e mais custosa.

A Lógica dos Ganhos Mútuos e a Interdependência Complexa

O Neoliberalismo Institucional foca nos **ganhos absolutos** que a cooperação pode gerar, em contraste com a preocupação realista com os ganhos relativos (quem ganha mais). Por exemplo, em acordos comerciais, todos os países podem se beneficiar do aumento do comércio, mesmo que um ganhe um pouco mais que o outro. A chave é que todos saem ganhando em comparação com a ausência de cooperação.



A **interdependência complexa**, um conceito central para o Neoliberalismo, descreve um mundo onde os Estados estão conectados por múltiplos canais (não apenas militares, mas econômicos, sociais, ambientais), onde a força militar não é sempre a ferramenta mais eficaz, e onde atores não estatais desempenham um papel significativo. Essa interdependência cria incentivos para a cooperação, pois os problemas globais (como mudanças climáticas, pandemias, cibersegurança) exigem soluções coletivas.

Interdependência Econômica

Comércio global, cadeias de suprimentos, investimentos internacionais

Interdependência Social

Migração, turismo, intercâmbios culturais e educacionais

Interdependência Ambiental

Mudanças climáticas, poluição transfronteiriça, recursos compartilhados

Interdependência Tecnológica

Internet, telecomunicações, padrões técnicos globais

A análise do **impacto da tecnologia** sob a ótica neoliberal destaca como a digitalização e a conectividade global criam novas formas de interdependência. A cibersegurança, por exemplo, não pode ser garantida por um único Estado; exige cooperação internacional para combater ameaças transnacionais. Da mesma forma, a governança da inteligência artificial e a regulamentação de drones para fins militares e civis são desafios que demandam acordos e instituições globais.

Liberalismo vs. Neoliberalismo: Uma Perspectiva Evolutiva

Embora ambos os "liberalismos" compartilhem uma crença na possibilidade de cooperação e progresso, suas bases e ênfases são distintas. O Liberalismo Clássico tem raízes mais profundas na filosofia iluminista, na moralidade e na crença na bondade humana e na capacidade de razão para superar a guerra. O Neoliberalismo, por sua vez, é uma resposta mais pragmática e científica, buscando explicar a cooperação através de uma lógica de custo-benefício e da função das instituições.

Pense em um grupo de amigos que decide organizar uma festa. O liberal clássico diria que eles cooperam porque são amigos e querem se divertir juntos (moralidade, valores compartilhados). O neoliberal institucional diria que eles cooperam porque é mais eficiente dividir as tarefas e os custos, e eles criam uma lista de tarefas e um orçamento para garantir que tudo funcione (racionalidade, instituições).



Conceito	Liberalismo Clássico	Neoliberalismo Institucional
Base/Origem	Iluminismo, moralidade, razão, democracia	Racionalismo, teoria dos jogos, economia política
Foco Principal	Paz democrática, interdependência, direito internacional	Instituições como facilitadoras da cooperação
Comportamento	Valores compartilhados, busca por progresso	Autointeresse racional, ganhos absolutos
Exemplo	Woodrow Wilson, Kant; Liga das Nações, ONU (ideal)	Robert Keohane; Regimes internacionais, OMC, G7/G20

Mas a história das Relações Internacionais não se resume apenas a poder e cooperação. E se a própria realidade que percebemos for construída por nossas ideias e crenças? Isso nos leva ao [Construtivismo Social](#).

Construtivismo Social: O Poder das Ideias e Identidades

Até agora, exploramos teorias que veem o mundo como algo objetivo: ou é anárquico e competitivo (Realismo), ou é um lugar onde a cooperação é possível através de instituições e interdependência (Liberalismo). Mas e se a própria "anarquia" não for uma condição dada, mas algo que os Estados "fazem" dela? O **Construtivismo Social** desafia essa visão materialista, argumentando que o mundo social é construído por ideias, normas, culturas e identidades.

"A anarquia é o que os Estados fazem dela."

— Alexander Wendt

Imagine que você está em uma sala cheia de pessoas. Se você as vê como inimigos, você agirá com desconfiança e talvez até agressão. Mas se você as vê como amigos ou parceiros em potencial, sua interação será totalmente diferente. A sala não mudou fisicamente, mas sua percepção e, conseqüentemente, seu comportamento, sim. Para os construtivistas, a "anarquia" nas Relações Internacionais é exatamente isso: não é uma condição material, mas uma **construção social** que depende de como os Estados se percebem e se relacionam.



Ideias

Concepções compartilhadas que moldam a compreensão do mundo



Normas

Padrões de comportamento considerados apropriados



Identidades

Como os atores se definem e são definidos pelos outros

O Construtivismo enfatiza o papel das **ideias, normas e identidades** na formação dos interesses e comportamentos dos Estados. Por exemplo, a norma contra o uso de armas químicas não é apenas uma lei; é uma ideia que se tornou amplamente aceita e que molda a forma como os Estados agem e julgam uns aos outros. As identidades – como "democracia", "estado pária", "potência responsável" – não são fixas, mas são construídas através da interação social e influenciam profundamente as políticas externas.

Normas, Identidades e a Mudança Social

Para os construtivistas, a mudança nas Relações Internacionais não é apenas uma questão de mudança na distribuição de poder ou na criação de novas instituições, mas sim uma mudança nas ideias e identidades. A queda do Muro de Berlim e o fim da Guerra Fria, por exemplo, não podem ser totalmente explicados apenas por mudanças materiais; a mudança na percepção mútua entre EUA e URSS, de inimigos para parceiros em potencial, foi crucial.

Evolução de Normas Internacionais

- Proibição da escravidão
- Direitos humanos universais
- Não-proliferação nuclear
- Proteção ambiental
- Responsabilidade de proteger



O papel dos **atores não estatais** é particularmente importante para o Construtivismo. ONGs, movimentos sociais, grupos terroristas e até mesmo corporações transnacionais podem introduzir novas ideias e normas no cenário global, desafiando as identidades existentes e promovendo mudanças. Pense em como os movimentos de direitos humanos ou ambientalistas conseguiram mudar a forma como os Estados e a sociedade internacional veem certas questões.

Construção de Identidades

As identidades nacionais não são fixas ou naturais, mas construídas historicamente através de narrativas, símbolos e práticas sociais. Por exemplo, a identidade de "potência pacífica" do Japão pós-guerra foi construída deliberadamente para contrastar com seu passado militarista.

Desinformação e Redes Sociais

A **desinformação** e as **redes sociais** são exemplos contemporâneos da relevância construtivista. Campanhas de desinformação buscam moldar percepções, criar identidades de "inimigo" ou "aliado" e influenciar normas. As redes sociais, por sua vez, são plataformas onde essas ideias são disseminadas e onde identidades coletivas podem ser rapidamente formadas ou desfeitas, impactando a dinâmica dos conflitos modernos e a forma como os Estados interagem.

A percepção de uma ameaça, por exemplo, pode ser construída ou desconstruída através de narrativas online. Um país pode ser retratado como uma ameaça existencial ou como um parceiro potencial, dependendo das narrativas dominantes, e essas percepções podem mudar rapidamente com novas informações ou eventos.

As Lentes da Análise: Integrando as Teorias Clássicas

Chegamos ao ponto em que podemos ver o valor de cada uma dessas lentes teóricas. Nenhuma delas, isoladamente, oferece uma explicação completa para a complexidade das Relações Internacionais. O Realismo nos lembra da persistência da competição por poder e segurança em um mundo anárquico. O Liberalismo nos aponta para o potencial da cooperação, das instituições e da interdependência. E o Construtivismo nos revela como as ideias, normas e identidades moldam a própria realidade que percebemos e agimos.



Pense em um conflito como a guerra na Ucrânia. Uma análise puramente realista focaria na busca da Rússia por poder e segurança em sua esfera de influência, e na resposta da OTAN para conter essa expansão. Uma análise liberal destacaria o papel das instituições internacionais (como a ONU, embora com limitações) na busca por uma solução, e a interdependência econômica que torna o conflito custoso para todos. Já uma análise construtivista investigaria como as identidades nacionais (ucraniana, russa), as narrativas históricas e as normas internacionais (soberania, integridade territorial) foram construídas e mobilizadas pelos atores envolvidos.

A verdadeira maestria na análise de conflitos globais reside na capacidade de usar essas teorias de forma complementar, como ferramentas em uma caixa de ferramentas. Cada uma ilumina um aspecto diferente, permitindo uma compreensão mais rica e multifacetada dos desafios que enfrentamos. Ao aplicar essas lentes, você estará mais preparado para decifrar as notícias, entender as motivações dos atores e até mesmo prever possíveis desdobramentos no cenário internacional.



Em Prática: Sua Caixa de Ferramentas Teórica

Nesta aula, desvendamos as três principais lentes para entender as Relações Internacionais: o Realismo, que vê o mundo como uma arena de poder e segurança; o Liberalismo, que aposta na cooperação e nas instituições; e o Construtivismo, que destaca o papel das ideias e identidades. Cada teoria oferece uma perspectiva única, e a combinação delas nos permite uma análise mais robusta dos complexos cenários globais, desde a geopolítica de recursos até o impacto da tecnologia e dos atores não estatais.

Em prática:

Ao ler uma notícia sobre um conflito, pergunte-se: "Isso parece uma luta por poder (Realismo)? Há instituições tentando mediar ou cooperação em jogo (Liberalismo)? Ou as ideias, identidades e narrativas estão moldando a situação (Construtivismo)?" Essa abordagem multifacetada aprimorará sua capacidade de análise crítica.

Autoavaliação

1

Qual das seguintes afirmações melhor descreve a principal premissa do Realismo nas Relações Internacionais?

1. A cooperação entre Estados é inevitável devido à interdependência econômica.
2. O sistema internacional é anárquico, e os Estados buscam principalmente poder e segurança.
3. As normas e identidades sociais são irrelevantes para o comportamento dos Estados.
4. A democracia é a única forma de governo capaz de garantir a paz global.

2

O Neoliberalismo Institucional argumenta que os Estados cooperam principalmente porque:

1. Compartilham valores morais e éticos que promovem a paz.
2. A natureza humana é inerentemente boa e busca a harmonia.
3. As instituições internacionais reduzem os custos de transação e facilitam ganhos absolutos.
4. A anarquia do sistema internacional impede qualquer forma de cooperação duradoura.

3

No contexto do Construtivismo Social, qual elemento é considerado fundamental para moldar os interesses e comportamentos dos Estados?

1. A distribuição material de poder militar.
2. A escassez de recursos naturais.
3. As ideias, normas e identidades socialmente construídas.
4. A busca racional por maximização de lucros econômicos.

1

A análise de conflitos híbridos, que mesclam táticas convencionais, irregulares e ciberguerra, pode ser mais bem compreendida sob qual perspectiva teórica, ao considerar a busca por vantagem estratégica e desestabilização em um ambiente de autoajuda?

1. Liberalismo Clássico
2. Neoliberalismo Institucional
3. Realismo/Neorealismo
4. Construtivismo Social (foco em identidades)

2

Explique brevemente como a ascensão de atores não estatais (como milícias ou corporações transnacionais) pode ser interpretada de maneiras distintas pelas teorias Realista, Liberal e Construtivista.

Gabarito

Questão 1

Resposta: b) O sistema internacional é anárquico, e os Estados buscam principalmente poder e segurança.

Questão 2

Resposta: c) As instituições internacionais reduzem os custos de transação e facilitam ganhos absolutos.

Questão 3

Resposta: c) As ideias, normas e identidades socialmente construídas.

Questão 4

Resposta: c) Realismo/Neorealismo

Questão 5 - Resposta esperada:

Realismo: Os veria como extensões ou ferramentas de Estados, ou como novos centros de poder que desafiam a ordem estatal. Milícias podem ser proxies de Estados em conflitos, enquanto corporações podem ser instrumentos de política externa ou alvos de controle estatal para garantir interesses nacionais.

Liberalismo: Os enxergaria como facilitadores da cooperação (ONGs, corporações) ou como desafios à governança que exigem novas instituições. Corporações transnacionais podem promover interdependência econômica, enquanto ONGs podem fortalecer normas internacionais.

Construtivismo: Focaria em como esses atores constroem e disseminam novas normas, ideias e identidades, desafiando ou reforçando as estruturas existentes. Movimentos sociais podem redefinir o que é considerado legítimo, enquanto grupos terroristas podem construir narrativas alternativas de identidade e pertencimento.

Conexão com a Próxima Aula e Recursos Adicionais

Conexão com a Próxima Aula

Na [Aula 3 – Teorias Críticas e Pós-Estruturalistas](#), iremos além das perspectivas clássicas, explorando abordagens que questionam as próprias estruturas de poder, o conhecimento e as narrativas dominantes nas Relações Internacionais.

Recursos Adicionais



Livro

"Teorias das Relações Internacionais" de Scott Burchill e Andrew Linklater (para aprofundar os conceitos).

Artigo

"Anarchy is what States Make of it" de Alexander Wendt (leitura fundamental sobre Construtivismo).

Podcast

"Foreign Affairs Unedited" (para aplicar as teorias a eventos atuais).

NOTA IMPORTANTE: As informações regulatórias/legais/técnicas desta aula estão atualizadas até 2025. Consulte sempre fontes oficiais para verificar alterações.